

Experiências extensionistas do além-mar: entrevista com o professor Filipe Vaz

por Gisele Giandoni Wolkoff¹



Quando conheci primeiro virtualmente o Prof. Filipe Vaz, tive a honra de perceber que estava diante de uma grande figura: um homem generoso e cheio de talento, sobretudo, talento interpessoal, alguém com uma capacidade única de gestão de pessoas! O Prof. Filipe Vaz me encaminhou os documentos e, acima de tudo, a motivação para que o nosso projeto à CAPES, relativamente ao Programa das Licenciaturas Internacionais, vingasse. Pouco tempo depois, em férias, julho, lá estava eu em visita à Universidade do Minho (doravante UMinho) e na generosa acolhida do Prof. Filipe e suas colegas (agora, minhas, também! a Isabel e a Ana Lúcia Curado). De lá para cá, só pude me empolgar com a parceria que a CAPES permitiu entre a UTFPR e a UMinho, porque o Prof. Filipe nunca mediu esforços para que o nosso programa fosse sempre bem sucedido! Nunca tivemos problemas, porque ele e sua equipe fizeram questão de resolvê-los todos. E sem dramas. Assim, quando o Prof. Fulvio Torres Flores, editor responsável da *Extramuros*, acenou positivamente à proposta deste bate-papo para a seção *Entrevista*, corri a pensar nas questões que envolvem não apenas a internaciona-

¹ Licenciada, bacharel, mestra e doutora em Letras pela USP. Desenvolveu pesquisa pós-doutoral no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Organizou o volume *Poem-ando Além Fronteiras: dez poetas contemporâneas irlandesas e portuguesas* (*Poem-ing Beyond Borders: ten contemporary Irish and portuguese women poets* (Coimbra: Palimage, 2011) e mantém carreira artística como escritora marginal, tendo publicado *Partidas e Rumo ao Sol* (Coimbra: Palimage, 2013 e 2014, respectivamente). Leciona no curso de Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Pato Branco, e é responsável pelo projeto Mapeando as Américas: produções culturais contemporâneas em comparação, financiado pela Fundação Araucária (PR). E-mails: giseleg@utfpr.edu.br e gwolkoff@gmail.com.

Fotos da página: (dir.) Prof. Filipe e (esq.) Profa. Gisele, ambos no campus de Gualtar da UMinho. (Arquivo pessoal)

lização das universidades em nível mundial, mas também e, sobretudo, na extensão, ainda sempre posta de escanteio... e esperemos que não mais, principalmente, com as palavras quase-mágicas do Prof. Filipe que, nesta entrevista que se segue, acena-nos à motivação, à vontade de continuar no exercício docente e entrelaçar a pesquisa à extensão, fazendo-nos levar os discursos que nos permeiam para além dos muros da universidade... Extramuros, parabéns, também, por oportunizar!

Filipe Vaz, como prefere ser chamado o Prof. Dr. José Filipe Vilela Vaz, licenciou-se em Física e Química em 1992 pela UMinho e, após o doutorado em Ciências (Física), inicia as suas atividades docentes no Departamento de Física, sendo promovido a professor associado em 2007, ocasião em que intensifica as suas atividades pedagógico-científicas e de gestão acadêmica, tendo sido presidente e vice-presidente do Conselho Pedagógico da Escola de Ciências, Diretor das Licenciaturas em Física e Engenharia de Metais, e do Mestrado de Física dos Materiais Avançados, é atualmente Pró-reitor de Novos Projetos de Ensino² da Uminho. Com mais de 140 artigos publicados, participações em conferências, orientações em pós-graduação (mestrado, doutorado e pós-doutoramento) dedica as suas pesquisas sobre diversos oxinitretos de metais em transição, e colabora com diversas empresas como a JADO IBÉRICA (Braga) e a Eemagine-GmbH (Alemanha). Em 2012, tornou-se responsável pelos programas de mobilidade internacional, sobretudo o Programa das Licenciaturas Internacionais, em parceria inicialmente com a Universidade Tecnológica Federal do Paraná e hoje, com outras universidades federais brasileiras.

GGW: Em sua opinião, qual o significado de programas de extensão? Como eles contribuem à melhoria das dinâmicas universitárias?

FV: Os programas de extensão apresentam-se cada vez mais como projetos estratégicos estruturantes para as Universidades Portuguesas, e muito em particular para a Universidade do Minho [UMinho]³. São projetos fundamentais para a nossa relação com os parceiros sociais, mas acima de tudo para a nossa ligação com uma sociedade cada vez mais globalizada e em constante crescimento.

Na UMinho, os programas de Extensão são encarados como uma função social, implementados através de um conjunto de ações dirigidas à sociedade, que por sua vez estão intimamente ligadas às nossas atividades de Ensino e de Investigação⁴.

Por que esta importância para a nossa Universidade? Bom, nunca poderemos esquecer que as finalidades primordiais de qualquer atividade de extensão serão sempre: i) as da promoção e difusão do conhecimento gerado, no sentido de garantir o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade como um todo; ii) a promoção e a garantia dos valores democráticos da igualdade de direitos e da participação, tão essenciais numa sociedade democrática como a nossa; iii) sem esquecer algo que me parece fundamental: o respeito pelas pessoas e pela sustentabilidade dos recursos naturais.

Neste sentido, a UMinho procura articular estes programas com a sua missão, o que tem vindo a trazer uma melhoria significativa na nossa visibilidade, e consequentemente uma crescente participação da sociedade nas nossas atividades, contribuindo significativamente para a nossa dinâmica externa. Hoje em dia, a UMinho “galgou os

² A extensão compõe o rol das diversas atividades do Prof. Filipe Vaz na UMinho.

³ A Universidade do Minho foi fundada no ano de 1973 e é hoje reconhecida pela competência e qualidade do seu corpo docente, pela excelência da investigação que se faz nas suas centenas de laboratórios, pela ampla oferta formativa graduada e pós-graduada e pelo seu alto nível de interação com outras instituições, em particular, com a sociedade civil e a região em que se insere, o Minho. Por estas razões, a UMinho é um agente central na região Minhota, uma importante referência nacional e uma parceira reconhecida no panorama europeu e global. Localizada no Norte de Portugal, a Universidade tem um campus na cidade de Braga e outro na de Guimarães, para além de outros menores e específicos para determinadas áreas do saber.

⁴ Em Portugal, usa-se o termo “investigação” para se referir a “pesquisa”.

seus muros” e tornou-se um player importante na sociedade envolvente, sendo atualmente um dos parceiros mais importantes da província onde se insere e que lhe dá o nome: o Minho⁵.

GGW: Como eles acontecem pela UMinho? Quais programas existem por aí, por exemplo?

FV: Tal como já referi, a dinamização de atividades de interação com a sociedade e a promoção e projeção da UMinho junto do tecido social e empresarial, tem sido assumida como um vetor de ação estratégico.

Consciente do seu papel e das suas responsabilidades, ao nível da educação para o desenvolvimento de uma cultura científica e tecnológica, a UMinho aposta na promoção de iniciativas e projetos que visam a disseminação destes conhecimentos junto da população em idade escolar e da sociedade em geral. A perceção positiva do público face ao papel da ciência e da tecnologia no desenvolvimento e na competitividade tem vindo a crescer e tem reflexo no aumento da atratividade das profissões científicas.

Em termos de projetos específicos, poderia numerar dezenas deles que atualmente se encontram a decorrer, mas vou destacar apenas alguns que me parecem mais estruturantes e que melhor demonstram o que referi acima.

O primeiro projeto no domínio do ensino que gostaria de destacar consiste na abertura da Universidade ao ensino médio e elementar: no decorrer do ano letivo convidamos alunos, escolas e público em geral a participar em diversas atividades laboratoriais que acontecem com a participação de Professores mas também de estudantes de graduação e pós-graduação da UMinho. Um outro projeto que consideramos relevante diz respeito ao ciclo de palestras e de conferências de divulgação da nossa oferta formativa, que visa a captar novos públicos, mas acima de tudo alertar a população e as empresas das valências para as competências dos nossos formandos. Por último, gostaria de destacar os cursos de Preparação e Avaliação para a Frequência do Ensino Superior para maiores de 23 anos; com este projeto, o estado Português, e a UMinho em particular, dão oportunidade aos adultos que deixaram o ensino de poderem regressar e obter uma formação superior. É um projeto que tem permitido a milhares de adultos o regresso à Escola, neste caso, à Universidade.

A componente de divulgação científica tem sido uma prioridade da UMinho, com o envolvimento dos docentes em distintas atividades de divulgação, tendo como setores-alvo as Escolas Básicas e Secundárias, público em geral, os media e outras entidades (públicas ou privadas); revelando efeitos diretos na captação de estudantes e de novos públicos. Neste contexto, foram implementadas várias iniciativas, entre as quais se destacam: o “Programa de Visitas à UMinho” (Figura 1), envolvendo a participação de cerca de cinco mil alunos nas mais de 200 atividades laboratoriais e palestras oferecidas; a participação na atividade “Verão no Campus” (Figura 2), que envolve sempre várias centenas de alunos do ensino médio; a iniciativa “De portas abertas à Ciência e Tecnologia”, integrada na Semana da Ciência e da Tecnologia, na qual são recebidos mais de mil alunos/professores dos ensinos básico e secundário para participação em

⁵ O Minho é uma região localizada no extremo noroeste português, contando com mais de vinte cidades, entre as quais Braga e Guimarães. Braga é atualmente a terceira maior cidade portuguesa, nascida da antiga cidade romana de Bracara Augusta. Guimarães, classificada Património Cultural da Humanidade pela UNESCO, é conhecida por ser o “berço da nação”.

atividades laboratoriais e palestras; e a “Festa da Ciência”, iniciativa que, ao longo de uma semana, conta com a participação de cerca de dois a três mil alunos do ensino pré-escolar, básico e secundário.



Figura 1. "Programa de Visitas à UMinho".



Figura 2. “Verão no Campus 2014”. Imagem do vídeo de divulgação no site da UMinho.

Outra atividade importante consiste no ciclo de “Tertúlias” com o objetivo de divulgar temas atuais nos vários campos do saber.

Por fim, gostaria ainda de realçar iniciativas como o “iSci – Interface Ciência” (Figura 3) e a participação da UMinho em diversas feiras de emprego dedicadas à interface com o tecido empresarial, onde um conjunto de empresas tem a oportunidade de interagir com os nossos alunos na análise e na busca de possíveis soluções ou estratégias para a resolução de problemas previamente colocados pelas mesmas.

Consciente do seu papel e das suas responsabilidades, ao nível da educação e da cultura científica e tecnológica, a UMinho aposta na promoção de iniciativas e projetos que visam aumentar a empatia do público para o papel da ciência e da tecnologia no desenvolvimento e na competitividade de uma região e de um país.

Figura 3. Cartaz do iSci – Interface Ciência 2013.



GGW: É possível relacionarmos programas de extensão com internacionalização ou programas de mobilidade? Ou são duas ações muito diferentes?

FV: Penso que não só será possível como até desejável. A internacionalização dos projetos que acima mencionei será o passo natural a dar, alargando ainda mais o campo de atuação da UMinho. O nosso Reitor fez uma aposta clara e decidida na Internacionalização⁶ da nossa oferta formativa e da investigação. Os programas de extensão são sem dúvida um veículo e uma ferramenta importantíssima para este fim, tornando os programas de mobilidade uma aposta certa. Quem melhor que os nossos visitantes ou os nossos alunos em mobilidade para afirmarem esta aposta e divulgarem a nossa Universidade? São sem dúvida “duas portas para o mesmo edifício”.

Por fim, não posso deixar de referir aquele que consideramos ser o exemplo mais claro dessa possibilidade de conciliar programas de extensão com internacionalização e/ou programas de mobilidade: o programa de Licenciaturas Internacionais, PLI, que se vem tornando como um dos projetos de maior relevo para a UMinho. A nossa Reitoria apostou muito forte neste programa, sendo que representa atualmente um modelo de cooperação com um dos nossos parceiros preferenciais e mais queridos, o Brasil. É entendimento do nosso Reitor que este deve ser um programa estratégico e ao qual se deve dar atenção especial. Talvez por isso tenha nomeado um dos elementos da sua equipa para o acompanhar e para facilitar até ao limite a integração dos alunos e um acompanhamento de muito perto de toda a sua evolução e resolução dos problemas que possam surgir, e por mais pequeno que sejam. Tem sido uma experiência extrema-

⁶ A internacionalização representa um forte compromisso e as atividades internacionais são muito intensas, não só no espaço da UE (União Europeia) e dos PALOP (Países de Língua Oficial Portuguesa), mas também com diversos outros países, de vários continentes. O ano letivo de 2010/2011 foi marcado pelo início de uma oferta alargada de formação em regime pós-laboral e a distância. Esta oferta terá um grande impacto social e permitirá abrir a Universidade a novos públicos, no quadro de exigência e qualidade que sempre caracterizou a Instituição.

mente enriquecedora e gratificante para mim, sendo que os alunos Brasileiros que vou conhecendo, e provenientes das mais diversas regiões Brasileiras, se revelavam todos os dias como pessoas de grande valor, dotados de um espírito de sacrifício enorme e de uma gentileza difícil de igualar. Tem sido um orgulho e um enorme privilégio lidar com este programa e com os alunos que, para imensa pena minha, vão agora regressar ao Brasil após dois anos de permanência entre nós. Alegro-me ainda o facto de alguns deles comentarem que já sentem saudades de Portugal e da UMinho.

GGW: No Brasil, ainda é comum relegarmos a extensão em todos os sectores envolvidos a um segundo plano. Você considera isso uma tendência mundial ou acha que o mundo já se encaminha a outro movimento? Podemos dizer que a UMinho está à frente de uma mudança e um olhar mais pormenorizado ao contexto extensionista?

FV: De todo. Acho que a extensão é um veículo fundamental e de importância singular. Penso que, pelo que já referi, se percebe que a tendência Mundial terá que ir nesse sentido. Hoje, e mais do que nunca, as Universidades têm que se abrir ao exterior. As Universidades vivem para o Mundo e pelo Mundo. Os problemas da sociedade terão que ser “atacados” também na Universidade.

A extensão é um instrumento poderoso e que pode ajudar no posicionamento da Universidade no Mundo, nomeadamente no que toca à tomada de consciência da sua mais-valia e da sua importância na resolução de problemas comuns. A Universidade não sobreviverá fechada sobre si mesma. A Universidade tem que galgar muros e a sociedade tem que a “abraçar” como um parceiro estratégico e valioso.

GGW: Como conseguimos envolver o pessoal académico na extensão, quando a prioridade parece sempre ser o desenvolvimento de pesquisa e, claro, o ensino regular...

FV: Explique-se muito bem a nossa estratégia e a importância da extensão para a Instituição. Sejam claros e dê-se valor a essas atividades. As pessoas têm que perceber as finalidades e os objetivos que temos a médio e longo prazo. Coloquemos o foco na importância da Universidade na resolução dos problemas da sociedade e na importância da divulgação e difusão do conhecimento para a população geral. Aposte-se claramente na definição de projetos de envolvimento da sociedade e em modelos em que a sociedade participa no crescimento da Universidade.

Que a Universidade consiga explicar aos seus docentes a importância de se ligar ao Mundo e do benefício que aí advém. Coloquemos os nossos melhores comunicadores em projetos deste tipo.

GGW: Já ouvimos muito acerca do seu sucesso à frente da pró-reitoria da UMinho e, sobretudo, dos programas de mobilidade. Como você acha que a administração interfere no desenvolvimento das propostas de extensão?

FV: Acho que é fundamental. “O exemplo tem que vir de cima”, dizemos nós com alguma insistência. Só vamos convencer as pessoas a participarem nestes programas de extensão se nos envolvermos profundamente.

Não diria que tenho sucesso, mas apenas que tenho a responsabilidade de proporcionar as condições necessárias para todos aqueles que entram nos programas de mobilidade. Se convidamos estudantes Brasileiros a virem para a UMinho, então temos a obrigação de lhes proporcionar as melhores condições para triunfarem. Não falo disto apenas ao nível formal, mas a todos os níveis, incluindo o pessoal. Um aluno que se desloca da sua zona de conforto precisa de uma atenção especial e de uma ajuda constante e diária. Ou o fazemos, ou perdemos a sua confiança, minando definitivamente as suas possibilidades de sucesso.

Assim, a administração não só interfere como pode determinar o êxito de qualquer destes projetos de extensão, muito em particular os de mobilidade Internacional.

GGW: Poderia deixar umas palavras finais a fim de ajudar a aprimorar a motivação para o crescimento/promoção do desenvolvimento do nosso potencial acadêmico?

FV: Tenham ambição e acreditem que podem crescer e desenvolver-se, precisando apenas de pessoas motivadas e dispostas e dar tudo por um projeto em que acreditem. Nunca desistam à primeira dificuldade e sejam criativos. Por mais pequenos que sejamos, a imaginação e a ambição não têm limites. Se querem uma Universidade forte e tão boa como as melhores, lutem por ela. Eu gostaria de pensar que o faço todos os dias, ainda mais quando tenho grandes dificuldades.

COMO CITAR ESTA ENTREVISTA:

WOLKOFF, Gisele Giandoni. Experiências extensionistas do além-mar: entrevista com o professor Filipe Vaz. *Extramuros*, Petrolina-PE, v. 2, n. 1, p. 135-141, jan./jun. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 3 maio 2014.

Aceito em: 25 jun. 2014.